

2.1 TECENDO, COSTURANDO E DESENHANDO TERRA

São aqui estabelecidos alguns comentários acerca da cerâmica como meio de gravação e perpetuação da memória matérica⁵ de objetos do universo feminino – a exemplo de tecidos, costuras, vestidos, roupas íntimas, rosas – que surgiram de experimentos, no início despretenciosos. Por utilizar esse modo operatório, dei preferência a materiais que não fossem sintéticos ou derivados de petróleo, para não enfrentar o problema da toxicidade quando queimados, principalmente para quem estivesse no momento da combustão.

Neste item, encontra-se, ainda, o relato do momento inicial da pesquisa, todavia importante para a compreensão do seu desenvolvimento, pois foi através das descobertas ocorridas naquele período que comecei, além de trabalhar com a cerâmica quebrando algumas normas da sua técnica, a atentar para as potencialidades poéticas dos materiais.

Dei início a alguns experimentos com gaze (Figura 6 e 7), conseguindo obter películas bastantes finas. Trabalhando com uma mistura de argila e papel, naturalmente a seguinte pergunta se impôs: já que quero películas finas e com movimento, por que não trabalhar com tecidos de algodão, uma vez que este é tão combustível quanto o papel utilizado na massa, e, ao queimar, deixa uma estrutura sólida? Então passei a trabalhar com gaze, a qual sugeria o mesmo movimento de um tecido. Na parte superior de uma delas (Figura 6), ainda coloquei um pedaço de cerâmica vidrada, resquício do tempo do mosaico. Ver essa peça queimada sair sem quebras do forno foi o estímulo para outras investidas, como a que resultou nos trabalhos seguintes.

Enquanto o trabalho intitulado *Tabocas* (Figuras 8 e 9) teve como base canudos de jornal, com sua configuração se ajustando de acordo com o espaço; em *Resquícios* (Figuras 10 e 11), foi depositada uma quantidade de barbotina em cima de papel e, sobre esta, ainda molhada, coladas algumas folhas também barbotinizadas. Nesse período, comecei a perceber o incômodo e o fascínio que a fragilidade de películas cerâmicas tão finas me trazia. Ainda assim optei pela

⁵ Física, material.



Figura 6 - Rosângela Costa, "S/Título" – Cerâmica. Dimensão variável. 2003.



Figura 7 – Rosângela Costa, "Trapô" – Cerâmica. 9 x 6 x 1.1 cm. 2003.



Figura 8 - Rosângela Costa, "Tabocas" - Cerâmica. Dimensão Variável. 2003.



Figura 9 - Rosângela Costa, "Tabocas" – Detalhe. Cerâmica. 2003.



Figura 10 - Rosângela Costa, "Resquícios" - Cerâmica e cinzas. 2004

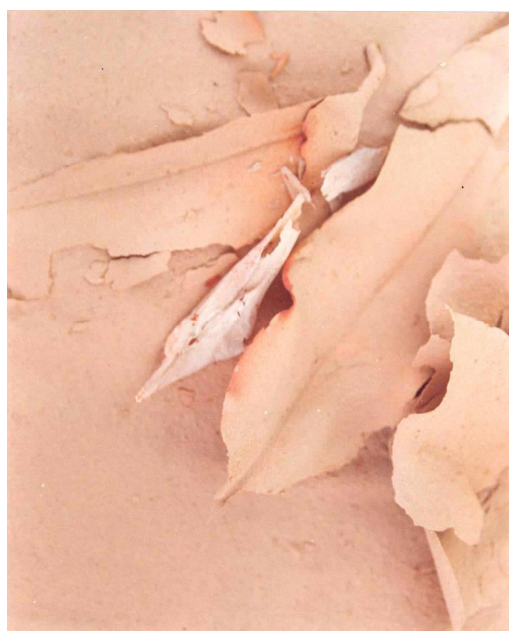


Figura 11 - Rosângela Costa, "Resquícios" – Detalhe. 2004.

segurança de uma base, para que o trabalho não sofresse quebras. Um momento também importante desse processo de trabalho ocorreu quando, ao retirar esse trabalho do forno e constatar o sucesso da queima, mantive as cinzas, aceitando-as como parte da poética.

Já com experiência na manipulação do material, executei uma obra intitulada *Broa* (Figura 12), para compor uma revista matérica apresentada em caixa – com uma tiragem de 100 exemplares. Cada “página” correspondia a um trabalho e media entre 8 cm e 10 cm de diâmetro por 0.6 cm de espessura. A base, feita de barbotina cinza, foi derramada diretamente no chão e, com barbante embebido em barbotina vermelha, argila cone 6, da PSH Brasil, desenhei sobre a peça (Figura 13). Após os primeiros experimentos, consegui uma placa leve, com resistência satisfatória, já que iria estar dentro de uma caixa com outros materiais e sofrer danificações. Ao longo do processo, foi possível observar a repetição de ações, num trabalho seriado, mas com peças não exatamente iguais – havia diferenciações entre os desenhos. Em razão da quantidade de páginas requerida, planejei um determinado tipo de procedimento, que exigiu algumas experimentações até chegar ao resultado pretendido.

A segunda série de 100 páginas, preparada para compor a revista, consistiu em panejamentos (Figuras 14 e 15), um passo muito importante para os trabalhos que se seguiriam, entre eles *Vestidura*, que será descrito adiante. Fiz os panejamentos com gaze e barbotina branca, modelando-a, em seguida, com tamanho médio de 15 cm x 10 cm x 1,5 cm. Após estarem secas e com o verso reforçado, as peças passaram por outro banho de barbotina.

Os trabalhos que se seguiram foram explorando um campo de possibilidades e idéias que surgiram durante essa pesquisa. Comecei a desenhar com barbantes (Figura 16), expondo, depois, uma série de nós cerâmicos (Figura 17), e a utilizar como base jornais amassados e travesseiros, para dar as formas desejadas (Figuras 18 e 19).



Figura 12 - Rosângela Costa, "Broa" – Cerâmica. Dim. variável 2004.



Figura 13 - Rosângela Costa. Preparação da base e desenho com cordão.



Figura 14 - Rosângela Costa, "Panejamento" Cerâmica. 2004



Figura 15 - Rosângela Costa, . Detalhe. 2004.



Figura 16 - Rosângela Costa, "S/Título" – Cerâmica. Dimensão variável. 2004.



Figura 17 -Rosângela Costa, "Eu, tu, nós" – Instalação. Cerâmica. Dimensão variável - (Detalhe). 2004.
Apresentado em exposição coletiva no Museu Eugênio Teixeira Leal, Pelourinho, Salvador.



Figura 18 - Rosângela Costa, "Nós-Velos" – Cerâmica. 12 cm diâmetro. 2004.

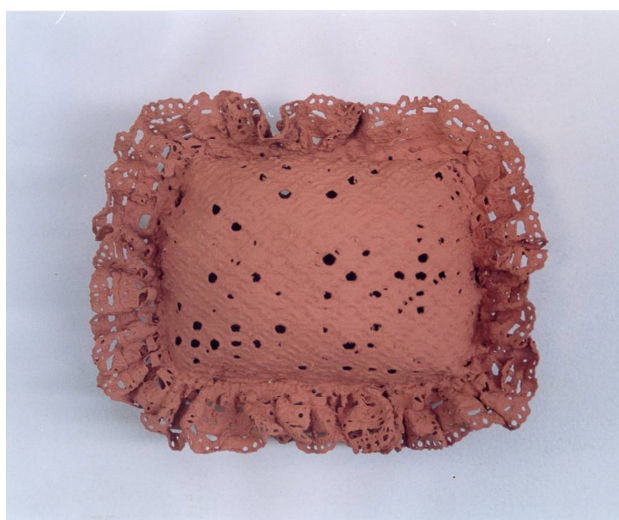


Figura 19 - Rosângela Costa, "S/título" – Cerâmica. 13 x 19 x 6.8 cm. 2004.

Alguns escritos dessa fase revelam ações no processo de construção da obra:

Costuras, bordados, entremeios, vazados,
 Camadas, franzidos, drapeados.
 Linhas que percorrem caminhos sinuosos que se entrelaçam.
 Experimentos geraram linguagem,
 Deixando suas marcas, seus rastros como a trama do tecido.
 A terra foi mais forte!
 Rastros, marcas, caminhos, tramas, mosaicos e costuras.
 Labirintite, labirinto de possibilidades, sinapses...
 Devaneios num jogo poeticamente concebido.
 2003

2.2 DA LINHA AO VESTIDO

Da pintura matérica com lama e linha, num feliz acaso, cheguei à realização de um vestido.

Partindo dos tecidos e das folhas, comecei então a me apropriar de roupas e de objetos pessoais para barbotinizá-los. Na exposição individual *Cozeduras*⁶ (Figuras 20 e 21), composta por duas instalações, já se via uma poética em construção. Na primeira instalação, espalhei folhas cerâmicas nos cantos e algumas no meio, como se tivessem sido ali depositadas pelo vento (Figura 22). Os visitantes que tinham curiosidade e dúvida aproximavam-se e, por vezes, até pegavam nessas folhas para constatar que realmente eram de cerâmica (Figura 23). Algumas folhas se dividiam em duas, revelando o seu conteúdo restante, já naquele momento em cinzas. Há semelhanças entre esse trabalho e o da artista baiana, nascida em Ilhéus, Geórgia Kiriakákis (1961)⁷, por ela também explorar películas bastante finas, nesse caso associando diversos materiais como metais e cinzas (Figura 24). No seu trabalho ela aborda o tempo e a precariedade das coisas. A segunda instalação (Figura 25) constituiu-se de um caminho ladeado por rosas assentadas em manta acrílica, semelhante a algodão. Ao final desse caminho, havia um vestido

⁶ Realizada em junho de 2004 no Museu Eugênio Teixeira Leal, Pelourinho, Salvador, BA.

⁷ Professora titular da Escola de Comunicação e Artes (ECA) – USP.